

---

## PERFIL DE UMA TURMA DE ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – UFT/ARRAIAS

---

Olegário Valadares dos Santos<sup>1</sup>  
Wilson Rogério dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho se propôs a realizar um levantamento sobre o perfil de uma classe de alunos ingressantes, no ano de 2019, no curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins, notadamente no campus de Arraias. O objetivo foi compreender qual era o perfil do ingressante no curso, o que levava os alunos e alunas a optarem pela área, de onde vieram, quais suas vinculações com a vida campesina e quais suas perspectivas de desenvolvimento humano e social. A coleta de dados foi realizada por meio de um levantamento (*survey*). Trata-se de pesquisa vinculada, aos planos quantitativos, especialmente quando se trata da aplicação do instrumento de coleta de dados; no entanto, a pesquisa também não deixa de ter abordagens qualitativas, especialmente, no momento da análise e interpretação dos dados obtidos. A investigação foi realizada em aproximadamente dois semestres letivos. Como resultado foi possível conhecer de uma forma mais particular o alunado e obter informações que poderão fundamentar práticas que promovam um melhor aproveitamento dos recursos e esforços investidos no desenvolvimento do curso.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Perfil de alunos; Formação de professores.

## PERFIL DE UNA CLASE DE ESTUDIANTE INGRESANDO EN EL CURSO DE EDUCACIÓN RURAL – UFT/ARRAIAS

**Abstract:** El trabajo proponía realizar una encuesta sobre el perfil de una clase de estudiantes entrantes, en 2019, en la Licenciatura en Educación Rural de la Universidad Federal de Tocantins, en particular en el campus de Arraias. El objetivo fue comprender cuál era el perfil del estudiante de primer año en el curso, qué llevó a los estudiantes a elegir el área, de dónde venían, cuáles eran sus vínculos con la vida campesina y cuáles son sus perspectivas de desarrollo humano y social. La recolección de datos se realizó a través de una encuesta. Es una investigación vinculada a planes cuantitativos, especialmente en lo que respecta a la aplicación del instrumento de recolección de datos; sin embargo, la investigación también tiene enfoques cualitativos, especialmente a la hora de analizar e interpretar los datos obtenidos. La investigación se llevó a cabo en aproximadamente dos semestres académicos. Como resultado, fue posible conocer a los estudiantes de una manera más particular y obtener información que pudiera sustentar prácticas que promuevan un mejor uso de los recursos y esfuerzos invertidos en el desarrollo del curso.

**Palabras clave:** Educación de campo; Perfil de estudiante; Formación de profesores.

---

<sup>1</sup> Graduado em Educação do Campo pela UFT. Gabinete de Investigação em Educação Musical (GIEM). E-mail: [olegariovaladares@uft.edu.br](mailto:olegariovaladares@uft.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1599-615X>

<sup>2</sup> Doutor em Educação Musical pela UFBA. Professor adjunto da UFT. Gabinete de Investigação em Educação Musical (GIEM). E-mail: [rg\\_santos@uft.edu.br](mailto:rg_santos@uft.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9912-7164>

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo relata uma pesquisa desenvolvida visando à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins (UFT). O trabalho consistiu na realização de um levantamento (*survey*) que teve como foco uma classe de alunos ingressantes no curso (de Educação do Campo) desta Universidade, notadamente no campus de Arraias, região sudeste do estado.

O objetivo foi tentar compreender qual era o perfil do ingressante no curso, o que levava os alunos e alunas a optarem pela área, de onde vieram, quais suas vinculações com a vida campesina e quais suas perspectivas de desenvolvimento humano e social.

Acreditamos que este trabalho poderá contribuir para uma melhor compreensão dos anseios e dificuldades vividas pelos alunos e para a percepção da diversidade existente dentro do corpo discente. O trabalho também tem o objetivo de sugerir o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o tema, estudando outras classes ingressantes ou já em desenvolvimento curricular, levando cada vez mais a uma melhor compreensão do perfil do alunado, contribuindo para direcionar adequadamente esforços, iniciativas e investimentos públicos diante desse tema.

A Educação do Campo foi motivada pela permanente condição de desigualdade de acesso à escolaridade para a população que habita o campo. Segundo Santos (2017, p. 212), “historicamente percebemos que a criação do conceito de educação escolar no meio rural esteve vinculada à educação *no* campo, descontextualizada, elitista e oferecida para uma minoria da população brasileira”. Desse modo, a luta por uma educação no/do campo, nasce no cenário de uma série de lutas e embates políticos.

De acordo com o mesmo autor, no final dos anos 1990, foi presenciada a criação de diversos espaços públicos de debate sobre a educação do campo, por exemplo: o I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), em 1997, organizado pelo MST com apoio de diversas entidades. A ideia era criar um local onde fosse possível

pensar a educação pública para os povos do campo, considerando seu contexto em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. Sua maneira de conceber o tempo, espaço, meio ambiente, produção, organização coletiva, questões familiares, trabalho, entre outros aspectos (SANTOS, 2017, p. 215).

Esses debates consideravam os anseios da população, questionando a formação, que era pautada apenas nos interesses econômicos e políticos da classe dominante brasileira. Tais formações não contemplavam especificidades regionais, geográficas e históricas do campo.

Rodrigues (2009, p. 52) argumenta que a educação rural encontrava dificuldades para “atender às reais necessidades das pessoas que viviam no campo, pois limitava-se à oferta de um

ensino tecnicista, pensando na formação de mão-de-obra, sem uma ligação com a cultura desses sujeitos”.

A partir desses argumentos podemos observar que os movimentos sociais vão se fortalecendo, assim como o modo de ver o povo do campo é modificado, surgindo então um novo conceito de educação pensada para o campo, que se manifesta a partir do fortalecimento dos movimentos sociais, através de seus sujeitos e daqueles que veem o campo como um lugar produtor de cultura e de vida.

A Educação do Campo visa suprir as lacunas da educação rural, oferecida durante todos esses anos, sendo importante frisar que este ainda é um conceito em construção. Os ideais, a delimitação do campo, os conceitos, teorias, estão tomando forma à medida que são desenvolvidos trabalhos, registradas experiências, realizados debates e discussões, tendo como objeto central a resistência campestre, a luta desse povo (RODRIGUES, 2009, p. 53).

Nessa perspectiva, a busca por uma Educação do Campo como política pública permanente se torna cada vez mais almejada, uma vez que a população campestre visa não só uma educação do campo, mas uma educação emancipadora para todos. O histórico de lutas das organizações e movimentos sociais por uma Educação do Campo levou a inúmeros debates em torno dos direitos sociais da população campestre. É possível perceber, que estas discussões começam a conquistar espaços, contemplando direitos e renovando os olhares para a realidade vivida no campo, aglutinando e ampliando o conjunto de movimentos sociais do campo em prol de uma luta coletiva, de garantia de igualdade de acesso aos direitos fundamentais para a classe trabalhadora.

Em 16 de abril de 1998 é criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera):

O Programa promove a justiça social no campo por meio da democratização do acesso à educação, na alfabetização e escolarização de jovens e adultos, na formação de educadores para as escolas do campo e na formação técnico-profissional de nível médio, superior, residência agrária e pós-graduação lato sensu e stricto sensu (BRASIL, 2016, p. 8).

As lutas dos diversos sujeitos coletivos levaram a regulamentações que permitiram que a Educação do Campo alcançasse novos espaços dentro do cenário educacional brasileiro, assumindo a identidade do campo, comprometida com a formação de educadores e com um projeto político pedagógico voltado às causas, desafios, história e cultura daqueles que vivem e atuam no campo.

Em 2004, foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad)<sup>3</sup>, no âmbito do Ministério da Educação. Nessa secretaria, foi instituída a Coordenação Geral da Educação do Campo. A partir de então, a Educação do Campo passa a ter um novo

---

<sup>3</sup> Que depois passou a ser denominada SECADI (acrescentando-se a expressão inclusão). A SECADI foi extinta por meio do Decreto n.º 9.465, de 2 de janeiro de 2019.

desenvolvimento, com a criação de ações educativas como o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo) e o Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo):

A aprovação do Procampo surgiu do reconhecimento e da necessidade de formação inicial para educadores/as do campo. Contribuiu para fortalecer o debate acerca das políticas públicas educacionais e enfrentar, com seriedade, questões que ainda não haviam sido discutidas pelo governo brasileiro (SANTOS, 2017, p. 217).

Os programas e ações no âmbito do campo, evidenciam a necessidade de viabilização de cursos superiores vinculados às universidades federais. É publicado, então, o Edital 02/2012 (SESU/SETEC/Secadi/MEC)<sup>4</sup>, que trouxe a possibilidade da implantação e institucionalização de 44 cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

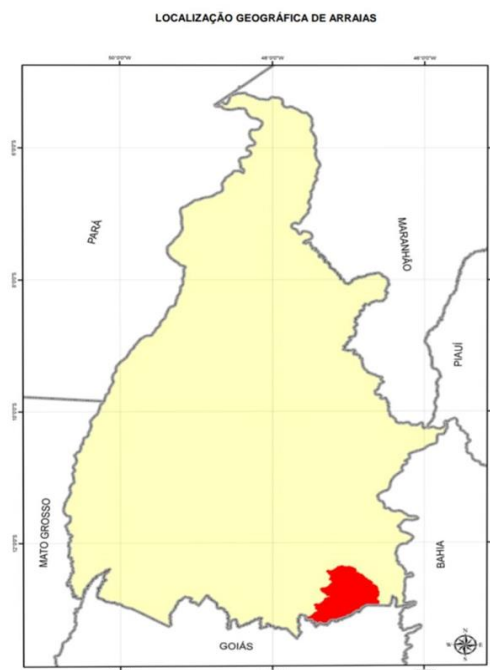
É a partir desse edital que é implantado, em 2014, o Curso de Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins, a partir de duas propostas aprovadas pelos campi de Arraias e de Tocantinópolis. Sendo a UFT a única dentre as propostas aprovadas a oferecer uma Licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos: Artes Visuais e Música.

O curso do qual trata o presente trabalho é o existente no Campus de Arraias, município que dista 413 Km ao sul da capital, Palmas, como é possível verificar na Figura 1. Sua população é de aproximadamente 11.550 habitantes e foi fundada pelo capitão Felipe Antonio, em 1740. Seu núcleo populacional possui uma forte tradição religiosa e cultural e, na medida do possível, tenta preservar seu patrimônio, como o conjunto de casas e as festas populares, como a caretagem e o carnaval do entrudo<sup>5</sup>.

Com relação ao curso, de acordo com Sales (2018, p. 120), seu Projeto Pedagógico foi aprovado em 22 de janeiro de 2014. Os primeiros professores entraram em exercício em novembro de 2013. O primeiro vestibular foi realizado em 23 de março de 2014, com prova de conhecimentos gerais e Redação. Participaram dessa prova cerca de 930 pessoas, o que demonstra que havia uma demanda reprimida e que o Regime de Alternância, proposto para a efetivação do curso, possibilitou a procura por pessoas que estavam à margem dos processos seletivos da universidade.

<sup>4</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11569-minutaeditais-selecao-ifesifets-03092012&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11569-minutaeditais-selecao-ifesifets-03092012&Itemid=30192)

<sup>5</sup> A caretagem: a partir da meia noite da sexta-feira santa, os caretas, pessoas montadas a cavalo e mascarados, saem pelas ruas da cidade chicoteando de forma brusca as pessoas que não estão recolhidas, eles também “roubam” animais e pertences dos sítios para montar uma “quinta” onde é guardado o Judas até a manhã de sábado de aleluia. O entrudo: é uma maneira de comemorar o carnaval que vem do período imperial. Durante os dias de carnaval os foliões saem às ruas da cidade molhando uns aos outros, o que não é ruim, considerando-se a temperatura daquela região em fevereiro/março, eles são acompanhados por charangas ou pequenas bandas ou, atualmente, por trios elétricos.

**Figura 1:** Localização geográfica de Arraias

Fonte: TOCANTINS, 2017, p. 9.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa vinculada em um primeiro momento aos planos quantitativos, especialmente quando se trata da aplicação do instrumento de coleta de dados; no entanto, a pesquisa também não deixa de ter abordagens qualitativas, especialmente no momento da análise e interpretação dos dados obtidos. Sendo, nesse segundo momento, a pesquisa destinada a descrever um fenômeno social, no caso, o perfil de uma classe do curso de Educação do Campo:

O objetivo é recolher dados que permitam descrever da melhor maneira possível comportamentos, atitudes, valores e situações [...] nos planos descritivos o objetivo do investigador é retratar o que existe hoje e agora em relação a um problema ou um fenômeno (COUTINHO, 2013, p. 298).

É possível classificar a pesquisa dentro do conceito quanti-qualitativo; ademais, um procedimento cada vez mais comum na pesquisa acadêmica em Artes e Humanidades é a superação desse viés antagônico, unindo as diferentes formas de pensamento, como nos relata Pérez Serrano (1998, p. 41), que “acredita que convém quebrar a *rígida couraça dos paradigmas*, descobrindo como alguns elementos podem se conjugar e auxiliarem-se mutuamente em investigações concretas”<sup>6</sup> Ou como nos dizem Laville e Dione:

<sup>6</sup> [...] creemos que conviene romper *la rígida coraza de los paradigmas*, descubrir cómo algunos de sus elementos pueden conjugar y ayudarse mutuamente en investigaciones concretas.

A partir do momento em que a pesquisa centra-se em um problema específico, é em virtude desse problema específico que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto, segundo ele, para chegar à compreensão visada (LAVILLE; DIONE, 2007, p. 43).

Mais especificamente o trabalho se apresenta como um *survey*, cuja tradução mais clara para o português seria inquérito ou sondagem; tais trabalhos começam quase sempre por levantar uma questão ou problema relacionado a quanto? Com que frequência ou quão comum? (COUTINHO, 2013, p. 316). O estudo aqui apresentado pode ser classificado como uma mistura entre dois tipos de *surveys*: o descritivo, que procura descobrir e determinar atributos de um determinado público alvo, mas que se restringe apenas a apresentar tais dados; e o *survey* explicativo, que tem o objetivo adicional de procurar justificar ou explicar alguns dos fatos e/ou variáveis percebidas.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Tocantins, campus Arraias, especificamente na classe de ingressantes do ano de 2019, no curso de Licenciatura em Educação do Campo. A classe era composta por 40 pessoas. Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário semiaberto contendo 29 questões.

Com relação às questões vinculadas à ética na pesquisa, os questionários poderiam ser preenchidos anonimamente e foi comunicado a todos os participantes do que se tratava a pesquisa e que nenhuma resposta ou participante seria identificado no texto final.

Após a fase de coleta de dados (preenchimento do questionário), foram realizados dois trabalhos: 1) Leitura das respostas, para detectar pontos de interesse, respostas diferenciadas, que necessitavam de explicação ou que despertavam curiosidade ou atenção; 2) Tabulação dos resultados das respostas. A tabulação se mostrou a ferramenta mais adequada para organizar os dados da pesquisa, facilitando a compreensão desses dados. Tal procedimento resultou em uma *estatística descritiva*, que deu início ao processo qualitativo da pesquisa, pois foi o momento em que os pesquisadores puderam analisar e interpretar os dados obtidos.

Numa investigação os dados obtidos necessitam de ser organizados e analisados e, como a maioria das vezes tomam uma forma numérica procede-se à sua análise estatística. Associamos sempre a estatística com a investigação quantitativa porque de facto, na investigação qualitativa a recolha e análise de dados é um processo contínuo integrado na sequência da investigação, de forte cariz indutivo, resultando como produto final uma descrição, ou seja, “palavras”. É certo que a estatística pode ser apropriada em certas etapas da análise de dados em investigação qualitativa [...] (COUTINHO, 2013, p. 151).

A intenção da análise foi interpretar os dados com a finalidade de traçar um perfil que permita conhecer o alunado ingressante no curso de Licenciatura em Educação do Campo, confirmando ou refutando alguns conceitos criados durante o período de existência do curso.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, é necessário informar que foi respondida a totalidade dos questionários, ou seja, foram obtidas 100% das respostas, índice bem superior ao indicado como número de respostas aceitáveis nos manuais de metodologia, que rondam por volta dos 60 a 70% (COUTINHO, 2013, p. 321). Tal fato indica o interesse dos participantes e uma boa prática para a aplicação do questionário. Esse índice garante uma amostragem representativa do grupo estudado, assim como traz confiabilidade para os resultados obtidos.

A pergunta inicial, se referia ao nome dos alunos e destinava-se a organizar a entrega dos questionários, mas não será considerada, por conta do anonimato. A segunda questão se referia ao gênero dos ingressantes. Desta forma foi possível saber que existe uma maioria de mulheres na turma estudada; nesse caso, o número é significativo: 2/3 das alunas são do gênero feminino.

Esse dado pode indicar uma tendência que, se confirmada por meio de novas pesquisas e levantamentos, com outras turmas, pode trazer recomendações de novas estratégias para o atendimento aos novos alunos (na oferta de alojamentos, por exemplo).

Com relação à faixa etária, observou-se que a idade dos alunos<sup>7</sup> encontra-se entre 17 a 30 anos. Existem duas faixas etárias significativas, compreendidas entre 17 e 20 anos (35%), e entre 23 a 25 anos (30%). Essas duas faixas somadas representam 65% do total de alunos:

**Quadro 1:** Respostas referentes à pergunta 3 (Faixa etária)

	Respostas absolutas	Respostas percentuais
De 17 a 20 anos	14	35% dos alunos
De 23 a 25 anos	12	30% dos alunos
De 27 a 30 anos	5	12,5% dos alunos
De 31 a 40 anos	7	17,5% dos alunos
Acima de 41 anos	2	5% dos alunos

Fonte: SANTOS, 2020.

Esta faixa etária, reduzida, provavelmente reflete na resposta relacionada ao estado civil, pois praticamente 2/3 (65%) dos ingressantes são solteiros, número que é complementado por 13 pessoas casadas e uma pessoa divorciada.

Com relação à atividade profissional, nota-se a existência de um grande grupo que se declara estudante, resposta que provavelmente também está relacionada à idade baixa dos alunos. Esse grupo, somado à atividade de dona de casa (ou “do lar”), representa 75% das respostas. Algumas profissões ligadas às atividades do campo, como lavradora, operador de máquinas pesadas, guia turístico e atividades agroextrativistas, também foram citadas.

<sup>7</sup> Embora sejam 2/3 do total, seguiremos tratando o conjunto como “alunos”, considerando as regras gramaticais.

**Quadro 2:** Respostas referentes à pergunta 5 (Profissão)

	Respostas absolutas	Respostas percentuais
Estudante universitário	26	65% dos alunos
Do lar	4	10% dos alunos
Lavrador/a/ Guia turístico/ Agroextrativista	3	12,5% dos alunos
Autônomo	1	2,5% dos alunos
Bióloga	1	2,5% dos alunos
Funcionário público	1	2,5% dos alunos
Massoterapeuta	1	2,5% dos alunos
Operador de máquinas	1	2,5% dos alunos
Professora	1	2,5% dos alunos
Técnica de enfermagem	1	2,5% dos alunos

Fonte: SANTOS, 2020

Com relação à constituição familiar, uma outra consequência da faixa etária reduzida da classe é a quantidade de alunos e alunas que não têm filhos: 24 pessoas, representando 60% das respostas. Quatro alunos têm 1 filho (10%); nove têm 2 filhos (22,5%), dois têm 3 filhos (5%) e uma aluna têm 4 filhos (2,5%).

O próximo grupo de perguntas, procurou focar sobre o local de habitação dos alunos e sobre sua possível ligação com o campo. Inicialmente, percebeu-se que existe uma grande diversidade nos locais de habitação, sendo que muitos são oriundos do campo, mas atualmente vivem nas pequenas cidades da região, classificadas como municípios rurais. É importante registrar o número de cidades e o amplo perímetro atendido pelo curso, que em uma análise extrema atende alunos desde Brasília até Palmas em um raio de mais de 400 km.

**Quadro 3:** Respostas referentes à pergunta 7 (Local de habitação)

	Respostas absolutas	Respostas percentuais
Arraias	10	25% dos alunos
Arraias – Zona rural	2	5% dos alunos
Campos Belos (GO)	9	22,5% dos alunos
Paraná	4	10% dos alunos
Cavalcante (GO), povoados Kalunga Vão de Almas e Engenho II	4	10% dos alunos
Teresina (GO)	3	7,5% dos alunos
Teresina (GO), povoado Kalunga Diadema	1	2,5% dos alunos
Monte Alegre (GO) – Fazenda Saco Grande e Fazenda Riachão	2	5% dos alunos
Monte Alegre (GO)	1	2,5% dos alunos
Divinópolis, povoado Vazante	1	2,5% dos alunos
Aurora do Tocantins	1	2,5% dos alunos
Brasília	1	2,5% dos alunos
Palmas	1	2,5% dos alunos

Fonte: SANTOS, 2020

Uma variação da pergunta anterior procurou certificar o local de habitação do alunado, nesse caso especificando se os alunos vivem na zona rural ou na zona urbana, seja em grandes centros, como Brasília ou Palmas, como nas pequenas cidades. Dessa forma, foi possível verificar que um



número significativo de alunos habita os conglomerados urbanos, 77,5% dos alunos, ou 31 alunos em respostas absolutas e 9 (ou 22,5%) vivem na área rural.

Uma análise rasa dessa situação poderia indicar um problema estrutural no curso, motivado pelo atendimento de 77,5% de alunos que habitam nos conglomerados urbanos. Mas a questão é muito mais complexa, pois na verdade estes alunos vivem em sua maioria (95%) em pequenos municípios considerados como *Município rural adjacente* ou *Município rural remoto*, catalogados pela cartilha *Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos no Brasil* (IBGE, 2017). Todo o território atendido pelo curso está dentro desta classificação, inclusive quando se trata do território do estado de Goiás. Portanto, “mesmo que alguns ou muitos alunos provenientes do curso habitem ou estejam trabalhando em pequenos conglomerados urbanos, para o IBGE e para as políticas econômicas e educacionais, esses alunos estão inseridos nos amplos espaços rurais do norte brasileiro” (SANTOS, 2019, p. 104).

Esta questão pode ser mais bem compreendida quando analisamos as respostas para a pergunta: Qual é a sua ligação ou a de sua família com o campo? aqui fica evidenciada a ligação do alunado com o campo, pois muitos alunos: 22 pessoas ou 55%, declararam que possuem ou que sua família possui alguma ligação com o campo, especialmente como trabalhadores, agricultores ou proprietários de parcelas de terras. Na contrapartida 16 alunos (40%) declararam que não possuem ligação direta com o campo e 2 alunos (5%) tiveram respostas inconclusivas.

Muitas das pessoas ligadas ao campo, apontadas na pergunta anterior, fazem parte de comunidades quilombolas da região. O número é bastante significativo, chegando a atingir 27,5%, ou seja, mais de 1/4 dos alunos são provenientes ou têm ligações com as comunidades quilombolas. As comunidades apontadas pelos alunos que responderam afirmativamente foram:

**Quadro 4:** Respostas referentes à pergunta 11 (Você faz parte de alguma comunidade quilombola? Qual?)

	Respostas absolutas	Respostas percentuais
Vão de Almas	4	10% dos alunos
Vão do Moleque	2	5% dos alunos
Engenho II	1	2,5% dos alunos
Fazenda Riachão	1	2,5% dos alunos
Povoado Kalunga Diadema	1	2,5% dos alunos
Fazenda Saco Grande	1	2,5% dos alunos
Sem resposta conclusiva	1	2,5% dos alunos

Fonte: SANTOS, 2020

No entanto, embora façam parte de comunidades quilombolas, apenas dois alunos manifestaram ligação direta com os movimentos sociais Kalungas; outros dois manifestaram ligações com movimentos sociais originados na Igreja.

O próximo grupo de perguntas procurou estabelecer as condições de vida dos alunos da turma de 2019, se eles têm acesso à energia elétrica, à água tratada e à assistência médica. Na

primeira questão, foi possível constatar que pelo menos 33 alunos (82,5%) dos entrevistados dispõem de energia elétrica em sua residência, 4 alunos (10%) não dispõem de energia elétrica na residência e 3 alunos (7,5%) não responderam à questão.

Com relação ao acesso à telefonia e internet as respostas foram muito próximas, 33 alunos (82,5%) possuem algum tipo de telefonia fixa, celular ou internet à disposição, 2 alunos (5%) possuem internet via rádio e outros 2 alunos precisam utilizar a internet nas escolas dos povoados onde residem. Apenas 2 alunos (5%) afirmam que não dispõem de nenhum acesso à rede de telefonia e um deles (2,5%) não forneceu a resposta<sup>8</sup>.

Os alunos da turma de 2019 do Curso de Educação do Campo, habitam, em sua maioria, localidades que possuem postos de saúde - 77,5% ou 31 alunos em respostas absolutas. As localidades que possuem hospitais municipais ou regionais são 65%, 26 em respostas absolutas.

Na contrapartida, 22,5% habitam povoados que não dispõem de postos de saúde (9 alunos) e 35% (14 alunos) não dispõem de hospital no local de moradia, tendo que se deslocar, às vezes por grandes distâncias e em estradas em condições precárias para conseguir atendimento hospitalar.

Com relação às escolas observou-se que elas existem em várias localidades de moradia dos alunos e muitas vezes com oferta de níveis diferenciados de ensino:

**Quadro 5:** Respostas referentes à pergunta 17 (Disponibilidade de Instituições educacionais)

	Respostas absolutas	Respostas percentuais
SIM — todos os níveis (inclusive superior)	20	50% dos alunos
SIM — até o Ensino Médio	13	32,5% dos alunos
SIM — até o Ensino Fundamental	6	15% dos alunos
Não respondeu	1	2,5% dos alunos

Fonte: SANTOS, 2020

A próxima sequência de perguntas se refere às condições de transporte e renda dos alunos. Com a primeira questão, pode-se observar que o meio de transporte empregado para vir à universidade é muito variado, mas o destaque fica para a utilização de ônibus coletivo - 12 alunos (30%) e transportes fornecidos pelas prefeituras municipais - 7 alunos (17,5%), o que denota que muitos ainda necessitam da ajuda de gestores ou políticos para realizar o transporte para chegar à universidade. Outros indicadores foram as lotações - 4 alunos (10%), os carros ou motos próprias - 4 alunos (10%) e o percurso como pedestre, para os alunos que vivem nas proximidades da universidade - 13 alunos (32,5%).

Nesta questão, também foi possível que se identificasse que existem muitos alunos que percorrem grandes distâncias para vir à universidade. Por esse motivo, nos TU (Tempo universidade), a escolha é permanecer alojado nos dormitórios oferecidos pelo curso; por outro

<sup>8</sup> É importante registrar que a pesquisa foi realizada antes do surgimento da pandemia COVID-19, portanto a questão de acesso à internet não foi aprofundada, não há como saber se os alunos que afirmaram ter acesso ao recurso, dispõem de banda larga, pacote de dados ou se há a possibilidade de realização de atividades *on-line* permanentemente.

lado, muitos alunos vivem no entorno da instituição (já indicados na pergunta anterior) e optam por irem à universidade caminhando. Quanto ao tempo de traslado entre a moradia e a universidade as respostas foram: até 30 minutos - 14 alunos (35%); entre 31 minutos e uma hora – 9 alunos (22,5%); entre 1 e 2 horas – 6 alunos (15%); entre 3 e 5 horas – 9 alunos (22,5%); mais de 5 horas – 2 alunos (5%).

A pesquisa também procurou saber qual é a faixa de renda familiar do alunado e percebeu-se que a maioria das famílias vive com até 1 salário mínimo: 26 alunos (65%); entre 1 e 2 salários mínimos: 9 alunos (22,5%); entre 2 e 3 salários: 2 alunos (5%); mais que 3 salários mínimos: 2 alunos (5%), há ainda 1 aluno que não respondeu à pergunta. A pesquisa mostrou, ainda, que 30% dos alunos são beneficiados com algum tipo de auxílio estudantil.

Quanto à renda *per capita*, ela se mostrou da seguinte maneira: 32 alunos (80%) vivem em famílias que recebem menos de 1 salário mínimo por pessoa; 6 alunos (15%) vivem em famílias que recebem entre 1 e 2 salários mínimos por pessoa; 1 aluno (2,5%) vive em família que recebe acima de 3 salários mínimos por pessoa e 1 pessoa não respondeu.

O próximo grupo de perguntas procurou identificar as motivações e preferências dos alunos. Quais foram os motivos principais que os levaram a ingressar no curso e quais as disciplinas que, naquele momento (primeiro semestre do curso) chamavam mais atenção.

**Quadro 6:** Respostas referentes à pergunta 23 (Motivos de ingresso no curso)<sup>9</sup>

	Respostas absolutas	Respostas percentuais
Ampliar os conhecimentos em Música	23	46% das respostas
Enriquecer o currículo e conseguir uma formação superior	17	34% das respostas
Ampliar os conhecimentos em Artes	6	12% das respostas
Conselho dos familiares e amigos	3	6% das respostas
Falta de opção, por não poder fazer o curso desejado	1	2% das respostas

Fonte: SANTOS, 2020

Essa questão é complementada com a história de vida dos alunos. Como esse processo os levou a escolher o curso. Parece evidente que as habilitações em Artes e em especial em Música motivam os alunos a ingressarem no curso, mas podemos perceber, também, a presença de várias outras motivações, como ampliar os conhecimentos culturais e os conhecimentos ligados à Sociologia e à Filosofia.

<sup>9</sup> Alguns alunos escolheram mais de uma resposta.

**Quadro 7:** Respostas referentes à pergunta 24 (Motivos de ingresso no curso)

	Respostas absolutas	Respostas percentuais (aprox.)
Travar contato com a Música	22	47,8% das respostas
Travar contato com as Artes <sup>10</sup>	10	21,8% das respostas
Travar contato com a Filosofia	2	4,4% das respostas
Travar contato com a Sociologia	1	2,2 % das respostas
Ampliar a cultura em geral	2	4,3% das respostas
Vínculo com a área rural	1	2,2% das respostas
Pouca afinidade com o curso	1	2,2% das respostas
Afinidade com todas as áreas do curso	4	8,5% das respostas
Não respondeu	3	6,6% das respostas

Fonte: SANTOS, 2020

Também foi perguntado se existia alguma área abrangida pelo curso, que se destacasse na preferência pessoal. Mais uma vez, as habilitações específicas (Música e Artes Visuais) se destacaram como áreas de preferência, sendo a Música indicada por 20 alunos (50%), as Artes Visuais em conjunto com a Música, indicadas por 7 alunos (17,5%), as Artes Visuais, indicadas por 5 alunos (12,5%), a Pedagogia e as Ciências Humanas, indicadas por 3 alunos cada uma (7,5%).

Finalmente, procuramos saber se havia alguma disciplina que o aluno tivesse mais resistência em estudar, mesmo considerando que a turma era ingressante e não havia tempo hábil para que eles conhecessem as diversas disciplinas, obtivemos as seguintes respostas: não há - 27 alunos (67,5%); Pedagogia - 7 alunos (17,5%); Artes Visuais - 3 alunos (7,5%); Ciências Sociais e Humanas - 2 alunos (5%) e Música - 1 aluno (2,5%).

O grupo final de perguntas procurou saber de que forma os alunos ficaram sabendo do curso, isso poderá auxiliar a direção da universidade em futuras divulgações. Nesse caso, foi possível observar que o sistema “boca a boca” funciona muito e trouxe um número considerável de pretendentes ao curso, sendo responsável por 80% dos alunos ingressantes (32 respostas). Com destaque especial para a divulgação feita por alunos do curso e da UFT, que representou 30% (12 respostas) do total. Tal fato parece demonstrar que existe uma avaliação positiva com relação ao curso, pois quem está frequentando convida novos alunos para dele participarem.

Também existe a necessidade de considerar a potencialidade das redes sociais e internet (WhatsApp, Facebook e página da UFT), pois esses mecanismos foram responsáveis por pelo menos 15% dos alunos ingressantes (8 respostas).

A pergunta final se referiu aos planos que os ingressantes têm para o futuro, para depois que finalizarem o curso. As respostas mais frequentes se referem a atuação profissional na área: 24 respostas ou 60% e à participação em concursos para cargos públicos, 7 respostas (17,5%), o que no final das contas parece ser o mesmo objetivo. A resposta referente a atuar na comunidade (3

<sup>10</sup> Não foi especificado que “Arte” era tratada nas respostas, mas iremos considerar como relacionada às Artes Visuais.

respostas - 7,5%) ou atuar na igreja (2 respostas - 5%), ou realizar uma pós-graduação (8 respostas - 20%), também parecem estar relacionadas a trabalhar e desenvolver atividades na área do curso.

No entanto, três alunos (7,5%) responderam que terão como objetivos, após o final do curso, o desenvolvimento de estudos em outras áreas, ou seja, parecem não estarem satisfeitos com o curso ou com as possibilidades por ele oferecidas.

#### 4 CONCLUSÕES

Ao realizar a pesquisa sobre o perfil dos alunos ingressantes no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFT (habilitação em Artes e Música) no campus da cidade de Arraias, foi possível desenhar um quadro sobre esse grupo, conhecendo-o sob uma nova perspectiva. Dessa forma, pudemos observar que existe uma grande diversidade de culturas, moradas, origens e costumes e pudemos perceber que esse tipo de levantamento e pesquisa pode colaborar para direcionar de uma forma mais proveitosa as atividades do curso, inclusive as relacionadas à alternância pedagógica.

Neste levantamento, pudemos perceber que os sujeitos do campo estão bem representados no perfil da classe ingressante em 2019, sujeitos que lutam por uma vida melhor, no seu ambiente e que pretendem alcançar alguma igualdade social, usufruindo do seu direito de serem contemplados com políticas públicas e sociais desenvolvidas considerando o campo.

Por meio da pesquisa, foi possível constatar uma diminuição da faixa etária dos ingressantes, quando comparamos com a turma que iniciou o curso em 2014 (da qual um dos autores fazia parte), o que demonstra que um novo público está chegando à universidade e ao curso e que essas pessoas têm um maior contato com a música e também apresentam mais vínculos religiosos, pois muitos declararam que estudam música motivados pela igreja:

*Aluno 2: Tocar músicas na igreja.*

*Aluna 3: Usar o que aprendi na minha igreja.*

*Aluna 4: Utilizar meu aprendizado na Igreja.*

Outra observação importante é que a maioria dos alunos habita os pequenos conglomerados urbanos da região (conforme discutido anteriormente), sendo que muitos deles deixaram o campo para prosseguir seus estudos nesses locais; muitas vezes, eles voltam para o campo nos finais de semana, ou nos recessos escolares, fato que por si só mereceria um estudo mais aprofundado e que não foi objetivo deste trabalho.

*Aluna 5: Meu sogro tem uma parcela no Assentamento Marcos Lins, em São Domingos de GO, e meu esposo, na época da plantação, ajuda meu sogro nos trabalhos rurais.*

*Aluna 1: Moro na cidade, mas ajudo meus pais na roça.*

Aluna 13: *Urbana durante o curso e zona rural depois.*

Por outro lado, foi possível perceber que uma parte significativa dos alunos tem uma ligação importante com o campo, sendo que alguns possuem um grande envolvimento com a terra de seus antepassados e que muitos deles pretendem continuar a trabalhar em ligação com essas tradições.

Aluna 6: *Meus pais são vaqueiros na fazenda na zona rural.*

Aluno 7: *Sou agricultor, possuo propriedade própria.*

Alunos 2, 8, 16 e 17: *Eles são agricultores, moram todos na roça.*

Aluno 9: *Uma ligação muito grande, somos uma comunidade, costumamos plantar nossas roças e criar animais, galinhas, gado, entre outros, ou seja, somos plenamente ligados ao campo.*

Aluna 10: *Lavradores, artesãos, agroextrativistas, condutores de visitantes.*

Aluna 12: *A minha família é de agricultores.*

Alunas 11 e 13 e aluno 17: *Agricultores e possuímos propriedade.*

Aluno 14: *Meu pai é lavrador e mora na roça desde que nasceu, minha mãe também e sempre plantamos arroz, milho e criamos alguns animais na terra que é de meu avô.*

Aluna 19: *Meu pai trabalha no campo.*

Aluna 20: *Agricultores e pequenos produtores.*

Uma constatação importante que observamos no dia a dia é o emprego das tecnologias e dos meios de comunicação para auxiliar na prática estudantil e até mesmo na divulgação do curso; é notório que o telefone celular é um dos meios de comunicação mais empregados, e o alunado do curso declarou que dispõe de rede de internet e telefonia celular em porcentagem bastante significativa. Os resultados mostraram que pelo menos 82,5% dos alunos possuem energia elétrica instalada em casa e que 92,5% dos alunos possuem acesso à rede de telefonia, seja fixa, ou celular. Uma vantagem desse acesso é a possibilidade de realizar atividades *on-line*<sup>11</sup>, além de facilitar a divulgação do curso, que chegou a 10% desses alunos por meio (mas não apenas) da internet:

Aluna 10: *Através do WhatsApp.*

Aluna 22: *Acessando o site da UFT.*

Aluno 7: *Através das redes sociais.*

Mas a maior parte dos alunos afirma que conheceu o curso por meio de amigos ou familiares, ou seja, a divulgação boca a boca é uma das principais fontes de criação de interesse para novos alunos, o que, em certo sentido pode referendar a qualidade do curso, pois ele está sendo recomendado por pessoas que o conhecem, cursam ou conhecem quem cursa:

Aluno 8: *Pelas minhas primas que estudam aqui, fazendo o curso.*

Aluna 6: *Através de umas primas minhas que estão fazendo o segundo período.*

Aluno 23: *A partir de um amigo que fazia o curso, ele falava que era bom.*

Aluna 23: *Pelas minhas irmãs e amigos.*

---

<sup>11</sup> veja nota de rodapé n.º 8.

Aluno 26: *Através de amigos que estudam na universidade.*

Com relação às atividades profissionais, a turma, por apresentar uma faixa etária jovem, parece apontar que está pensando em concluir a graduação para depois conseguir um emprego e uma profissão:

Aluno 27: *Passar em um concurso e obter um emprego.*

Aluna 28: *Trabalhar em uma das diversas áreas do curso.*

Aluna 29: *Ingressar no mestrado.*

Alunas 5 e 25: *Exercer a profissão e fazer pós-graduação em Música.*

Aluno 24: *Prestar concursos para bandas musicais, ou ingressar em uma orquestra sinfônica.*

Aluno 23: *Atuar na área de educador, ser professor.*

Um dado importante a ser considerado, com relação a esta questão, é que a Arte e especialmente a Música tem o poder de atuar na construção de uma identidade coletiva, seja nas comunidades quilombolas, nos assentamentos ou nas comunidades periféricas rurais ou urbanas, sendo que no caso das culturas de tradição popular, a música funciona como catalisador no processo de trazer visibilidade social, a estas comunidades. Este poder que a música detém, tem sido objeto de estudos de vários pesquisadores e dentro do curso é um dos pontos chave para o desenvolvimento de trabalhos e pesquisas. Desta forma, estão sendo executados vários projetos unindo a pesquisa acadêmica e os saberes populares, dentro de propostas levadas pelos alunos para as escolas das comunidades onde eles trabalham ou realizam estágio<sup>12</sup>.

Finalmente, é necessário destacar a importância de se conhecer o perfil dos alunos ingressantes. Estratégia que auxiliará a busca de metodologias de ensino-aprendizagem adequados ao perfil do alunado e que podem direcionar a organização de currículos e atividades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea)**: manual de operações. Brasília, 2016.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas**: teoria e prática. 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra: Almedina, 2013. 421p. (1.<sup>a</sup> ed. 2011).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil**: uma primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 82p.

---

<sup>12</sup> Para mais informações sobre o assunto consulte o site do GIEM (Gabinete de Investigação em Educação Musical), grupo de pesquisa da UFT/Arraias cadastrado no CNPQ: <http://giemus.net>.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. 1<sup>a</sup>.ed. reimp. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: UFMG, 2007. 340p. Tradução de: La construction des savoirs: manuel de méthodologie en sciences (1<sup>a</sup>.ed.1997).

PÉREZ SERRANO, Gloria. **Investigación cualitativa**: retos e interrogantes (I – Métodos). 2.<sup>a</sup> ed. Madrid: La Muralla, 1998. 230p. (1.<sup>a</sup> ed. 1994).

RODRIGUES, Caroline L. **Educação no meio rural**: um estudo sobre salas multisseriadas, 2009, 209p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SALES, Suze da S. **Política de formação de professores**: análise da institucionalização do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins – Campus de Arraias, 2018, 174p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e C. Humanas, UFSCar, São Carlos, 2018.

SANTOS, Olegário V. **Perfil de uma turma de alunos ingressantes no curso de Educação do Campo – Campus Arraias**. 2020, 67p. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2020.

SANTOS, Ramofly B. História da educação do campo no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n.º 51, p. 210-224. Out/dez, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24758>. Acesso em 06 dez. 2020.

SANTOS, Wilson R. Práticas pedagógicas de música direcionadas a escolas no e do campo. In: SANTOS, Wilson R.; STEPHANI, Adriana D.; SANTOS, Ana Roseli P. (org.). **Educação, cultura e etnodesenvolvimento**: saberes em diálogo. Palmas: EDUFT, 2019, p. 103-113.

TOCANTINS. Secretaria do planejamento e orçamento. **Perfil socioeconômico dos municípios**: Arraias. Palmas: SEPLAN, 2017.

*Submetido em: 23 de junho de 2020.  
Aprovado em: 02 de dezembro de 2020.*